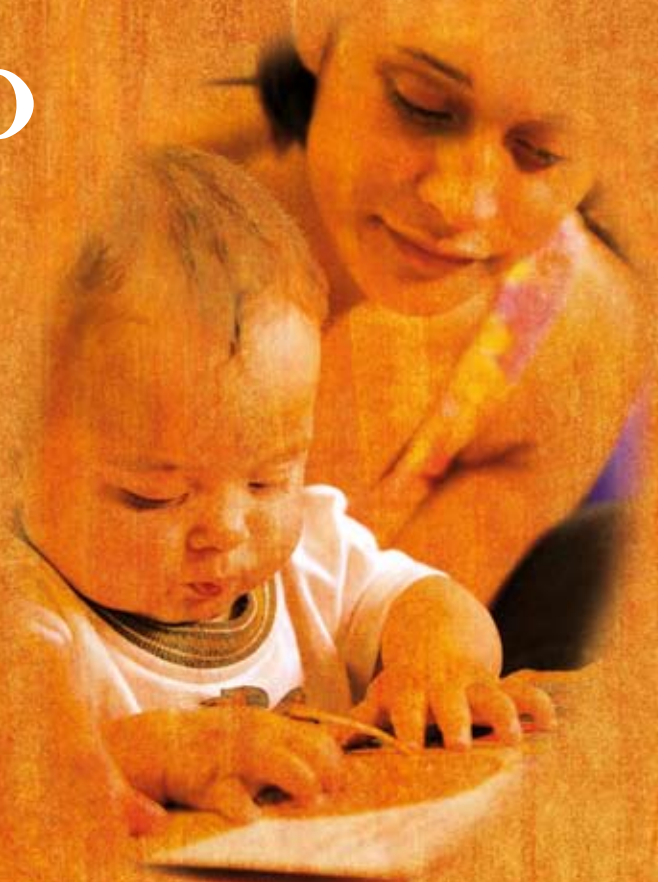


Bartolomeu Campos de Queirós

A Infância e o Livro



BIBLIOTECA VIRTUAL **ECOFUTURO**

A infância e o livro se juntam para, em liberdade, sonhar com um mundo iluminado com a luz própria advinda da sua mesma humanidade

“Jesus anda na terra, anda na água, anda no ar. No mesmo ar, na mesma água e nesta mesma terra o demônio semeia...”

— Abgar Renault

É necessário nos convenceremos de que um mundo singular respira, secretamente, dentro de cada um de nós. Daí a capacidade criativa inerente a todos os indivíduos. Imaginariamente – e a partir de silêncios construtivos – somos arquitetos e edificamos um novo mundo em nossa intimidade. Nesse lugar secreto, o sonhado e o vivido conversam, sem dicotomias: “Se foi assim, poderia ter sido assim” ou “Se é assim, pode ser assim”. Nesse espaço, nós renascemos em cada momento e vivemos num sempre presente indicativo. Por assim ser, não é raro a nostalgia nos visitar e, com ela, uma imensa vontade de nascer de novo. A memória – em seu contínuo movimento – é nosso patrimônio inalienável e guarda nossa experiência vivida, que se soma ao que poderia ter sido. E dois mundos concretos se movem dentro de nós: o mundo vivido e o mundo sonhado. Toda memória é o lugar do real e da fantasia, dialogando constantemente. E nos educamos, permanentemente, ao tomar posse desta nossa condição de operários em contínua construção. Como indivíduos capazes de idealizar, podemos estender nossos sonhos ao mundo. Então passamos de criaturas apenas consumidoras a criaturas também investidoras. E imprimimos no mundo a nossa passagem, ao atribuir sentidos à nossa finitude.

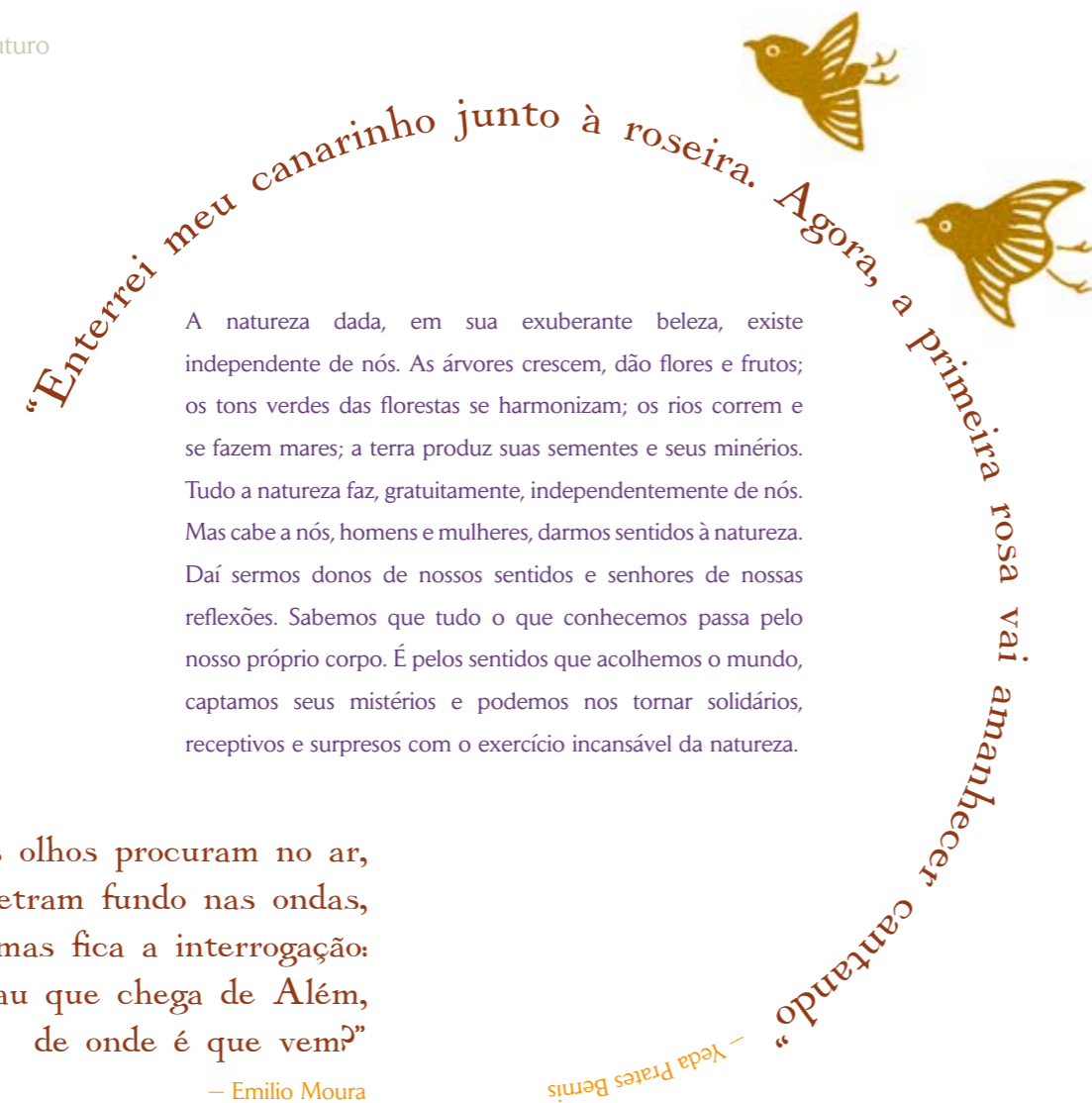
“Recrio o visível a meu desejo com particulares matizes” — Henriqueta Lisboa

Ao confirmar a criança como proprietária desse diálogo entre o vivido e o sonhado – sem lhe roubar a singularidade –, todos os nossos atos se tornam pedagógicos. Assumimos nossa função primeira, de escutar, e praticamos que escutar é superior a falar. A criança nos comunica seu mundo vivido e nos expressa seu mundo sonhado. E mais que um adulto que apenas ensina, nos fazemos intermediários entre a criança e seu sonho. Isso vale para a escola. Toda vez que a escola se torna um fim em si mesma, ignora o mundo que respira na intimidade da criança. E, por ser assim, a escola faz do aluno apenas um sujeito capaz de se sujeitar a objetivos predeterminados, sem considerar a força criativa que move também a infância.

“Tudo existe para os eleitos. Tenho constelações para me servirem e gaivotas que levam minhas cartas mais depressa do que aviões”

— Murilo Mendes

Para tanto, é necessário pensar a escola, a família, as entidades educacionais como capazes de abrir-se para educar sensivelmente a criança. É urgente associar conhecimento e afeto diante do desvendado. Alfabetizar a criança para soletrar os mistérios do nosso entorno, amorosamente. Isso implica afinar seus sentidos para perceber a poesia que circula no mundo e deixá-la estender sua intuição poética ao mundo. É da natureza dos humanos apreciar a beleza. Todos nós gostamos de fruir e compartilhar aquilo que nos parece bonito. Um dos atributos da arte é sua capacidade de aproximar, juntar, amarrar, congrega as pessoas. O belo sobrevive pela força do coletivo. Por que afastar a criança daquilo que pelo ato de nascer lhe foi contemplado?



A natureza dada, em sua exuberante beleza, existe independente de nós. As árvores crescem, dão flores e frutos; os tons verdes das florestas se harmonizam; os rios correm e se fazem mares; a terra produz suas sementes e seus minérios. Tudo a natureza faz, gratuitamente, independentemente de nós. Mas cabe a nós, homens e mulheres, darmos sentidos à natureza. Daí sermos donos de nossos sentidos e senhores de nossas reflexões. Sabemos que tudo o que conhecemos passa pelo nosso próprio corpo. É pelos sentidos que acolhemos o mundo, captamos seus mistérios e podemos nos tornar solidários, receptivos e surpresos com o exercício incansável da natureza.

“Meus olhos procuram no ar,
penetram fundo nas ondas,
mas fica a interrogação:
A nau que chega de Além,
de onde é que vem?”

— Emilio Moura

— Yeda Prates Bernis

“Sou uma árvore móvel.
Sou uma árvore que
anda, que anda
e para dentro frutifica”

— Affonso Romano de Sant'Anna

Nosso respeito e espanto diante da natureza do mundo advém do desenvolvimento de nossa sensibilidade. Todo cuidado com o mundo — desde o equilíbrio do cosmo até a asa de uma borboleta — passa pelo refinamento de nossa sensibilidade. Ser sensível é estar atento para os sustos. É diante daquilo que acontece independentemente de nós que nos apropriamos de nossa incompletude e nos fortalecemos por nos reconhecermos como frágeis. Ao declinarmos diante de nossos limites, nos apropriamos de nossa própria humanidade. Educar-se é apropriar-se de seu justo tamanho.

“Era uma vez um país
na ponta do fim do mundo
onde o mar não tinha eco
onde o céu não tinha fundo”

— José Carlos Ary dos Santos

A literatura, sem preconceitos com o real ou a fantasia, se faz objeto indispensável para a educação de nossa sensibilidade. É pelo texto literário que nossa intimidade mais profunda encontra espaço para redimensionar-se. Por dar corpo ao sonho — concretizando-o em palavras —, o texto literário nomeia tanto o mundo visível como o suspeito invisível. A leitura literária se torna o lugar do encontro da fantasia do leitor com a fantasia do escritor. Os dois se somam, e a existência se enriquece e ganha imensuráveis dimensões. Pelo texto literário nos tornamos mais sensíveis diante do mistério do mundo, que apenas pela fantasia nos é permitido visitar. Por derramar luz sobre o desconhecido e proteger pela beleza os seus mistérios, a literatura nos convida a tomar cuidado com o mundo gratuito que nos foi oferecido. E cada folha que cai nos acorda e exemplifica o mistério do nascimento e da morte.

“Eu fui meu como o espaço era do pássaro”

— Wilson Pereira

A sensibilidade é objeto de aprendizagem. Advém do seu aprimoramento o nosso espírito de deferência com as coisas do mundo. Ser sensível implica proteger, manter, cuidar e surpreender-se com o que nos é dado e merece ser cultivado. Ao educar nossa sensibilidade, nos inauguramos como humanos e como seres de relações. Associada à palavra *sensível* está a palavra *cuidado*.

Uma política de sustentabilidade deve iniciar-se pela educação de nossa sensibilidade. E não existe método mais eficaz do que a literatura para dialogar com a fantasia que silenciosamente mora em nós e nos move. Ao dar corpo aos nossos desejos, ao conversar com nossas inquietações, ao nos abrir para novos entendimentos, a literatura é objeto capaz de nos propor o mais fecundo dos diálogos: quando o eu real, no espaço do silêncio, conversa com o eu ideal.

“ No liso do meio-dia,
hora sem sombra ou refúgio,
um beija-flor
reinventa minha
íntima poesia”

– Elizabeth Gontijo

A produção literária brasileira, também para os mais jovens, é reconhecida como uma das mais significativas no cenário mundial. São múltiplos os assuntos que ela tem escolhido como objeto de reflexão. Ao romper com o cotidiano da linguagem e se fazer literária, ela se confirma tanto por reelaborar o real como por criar a ficção e subverter a maneira comum de se pensar. Ao dar voz à natureza, decifrando o canto dos rios e dos pássaros, desvendando o destino dos ventos, escutando os conflitos entre os animais, a literatura tem papel fundamental para nosso aprimoramento sensível. Daí o livro literário se tornar um objeto indispensável para a configuração de uma atitude inventiva e respeitosa nossa, diante do mundo.

Monteiro Lobato, com sua desabusada capacidade criativa, construiu uma obra a partir de um olhar crítico sobre os tantos aspectos da alma e do mundo, capaz de nos remeter a um compromisso melhor com as coisas que só nossa imaginação alcança. Ao nos sensibilizar pela vida rural, ao fazer da mitologia um ponto de partida para nossa história, ao configurar personagens impregnados de curiosidades e intrigados diante dos mistérios, sua literatura nos mobiliza pelo encantamento, pelo que há nela de ficção e realidade. Lygia Bojunga realiza um texto que nos remete ao exercício da delicadeza com os sentimentos. Em toda a sua extensa obra, mergulhamos num mundo só possível se nos reinventamos diante dele. Sua refinada percepção ante as contingências da existência faz nascer personagens apreciáveis pelas possibilidades do abraço ou capazes de guardarem numa bolsa amarela todas suas desmedidas imaginações. Ana Maria Machado, com inesperadas metáforas e de olho em nossas penas, faz do texto literário um elemento propício para o entendimento das diferenças entre os povos, amarra com laço de fita a infância e reconhece a função afetiva das famílias em *Bia Bisa Bel*. Marina Colasanti busca, com sua rigorosa prosa poética – que vai da espada à rosa – nos envolver e nos fazer tecer – ao seu lado – as mais belas considerações sobre as relações entre os humanos. Por ela adentramos em ideias azuis, nos apaixonamos pelo ofício da moça tecelã e tentamos não descosturar nossos tapetes. Sua obra conduz o leitor ao desejo de ser seu personagem e passear pelos caminhos abertos em suas paisagens. Nilma Lacerda, sabendo que viver é feito à mão, envolve tanto as crianças quanto os adultos em suas fatias do mundo. Sua escrita nos desloca para outros lugares com fantasias, fingimentos, deixando para os leitores o finalmente!

6 “A verdade é impura.
Em todos os momentos ela separou
e não uniu. A verdade não foi feita
para estar
na boca de um homem”

– Carpinejar

“A lua foi ao cinema
passava um filme engraçado
a história de uma estrela
que não tinha namorado”

– Paulo Leminski

“De dentro do Casulo a Borboleta
como uma Dama à Porta
surgiu –era Verão e entardecia–
e a vagar já se pôs”

– Emily Dickinson

De tudo nos fica a certeza de que é necessário – mais que nunca – educar os nossos sentidos. Só depois de bem apurados, seremos capazes de nomear com mais significantes o mundo, que nos recebe para a vida e que estará, sempre, antes e depois de nós. E não há método mais eficaz do que a palavra literária para acordar e atribuir sentidos às coisas. É preciso aprender a contemplar as sementes e deixar a palavra dizer a árvore que ela protege em seu dentro.



Bartolomeu Campos de Queirós

Escritor mineiro com formação nas áreas de educação e arte, cursou o Instituto Pedagógico de Paris. Participa do Projeto ProLer, da Biblioteca Nacional, dando conferências e seminários sobre educação, leitura e literatura. Tem 43 livros publicados no Brasil, vários deles traduzidos e editados em outros países, e é detentor de alguns dos mais significativos prêmios literários nacionais e internacionais, como o Prêmio Cidade Belo Horizonte; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; Selo de Ouro, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; 9º Bienal de São Paulo; 1ª Bienal do Livro de Belo Horizonte; Diploma de Honra IBBY, de Londres. Eis alguns de seus livros: *Flora*, *De não em não*, *O olho de vidro do meu avô*, *As patas da vaca*, *Ah! Mar...*, *O livro dos sentimentos*, *A formação do leitor*.



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



APOIO:



PARCERIA:



CHANCELA:

Ministério do
Meio Ambiente

APOIO INSTITUCIONAL:

